

EIXO TEMÁTICO 6 | EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

COLOREAFRO: os atravessamentos do trabalho educativo no combate ao racismo e o horizonte da emancipação humana¹

COLOREAFRO: the crossings of educational work in the fight against racism and the horizon of human emancipation

Williana Angelo Silva²

RESUMO

O trabalho aborda a experiência junto ao Coletivo “ColoreAfro” a partir da análise contextualizada da realidade sócio-histórica brasileira, marcadas pelo racismo e o desdobramento de experiências de enfrentamento no âmbito da educação. Ao mesmo tempo reflete sobre as possibilidades de tensionamento por um projeto de educação para além do capital, por meio do exercício do caráter político-pedagógica no trabalho educativo com estudantes nos processos de tensionamento, com vistas ao combate ao racismo e a busca pela emancipação humana. A partir sistematização de experiência, resgata atividades de caráter político-pedagógico desenvolvidas pelo ColoreAfro que exprimem contornos das disputas institucionais fortemente interconectadas aos determinantes de gênero, raça e classe. Além de refletir sobre a possibilidade de se realizar experiências educativas transformadoras na política de educação.

Palavras-chave: educação; serviço social; racismo; trabalho educativo.

ABSTRACT

The paper discusses the experience of “ColoreAfro” Collective, based on a contextualized analysis of Brazil's socio-historical reality, marked by racism and the development of experiences of confrontation in the field of education. At the same time, it reflects on the possibilities of tension for an education project beyond capital, through the exercise of the political-pedagogical character in educational work with students in the processes of tension, with a view to combating racism and the search for human emancipation. Based on the systematization of experiences, it recalls activities of a political-pedagogical nature developed by ColoreAfro that express the contours of institutional disputes strongly

¹ O presente trabalho contém elementos do material produzido para a tese de doutorado.

² Doutora em Serviço Social pela PUC-SP, assistente social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, campus Salto, e-mail: williangel@gmail.com

interconnected with the determinants of gender, race and class. It also reflects on the possibility of carrying out transformative educational experiences. in education policy.

Keywords: education; social work; racism; educational work.

1 INTRODUÇÃO

Em 2016, o Mapa da Violência registrou que a cada 23 minutos morria um jovem negro entre 15 e 29 anos, sendo um total de 77% das mortes. Já no campo econômico, a diferença salarial entre negros e não-negros pode chegar a 73%, segundo apurado pelo IBGE. Estes são apenas dois dos exemplos das marcas materializadas pelo chamado racismo estrutural que se constitui historicamente e se mantém sobre bases sociais, econômicas, jurídicas e políticas que sistematicamente são internalizadas no cotidiano das relações sociais, fruto da transição do modo de produção balizado na escravatura, que não foi totalmente superada, mas sim incorporada em diversos aspectos pela elite com o advento do capitalismo no Brasil.

Almeida (2019) enfatiza que racismo é uma relação social e que sua naturalização se dá essencialmente sobre três aspectos estruturais importantes que são a política, a economia e a subjetividade. Esse último tem forte expressão nas identidades da juventude negra e não-negra e tem sido uma pauta relevante no trabalho educativo que temos desenvolvido no *ColoreAfro*, desde sua autoimagem, a sua representação e pertencimento social-cultural, bem como os marcadores sociais de classe, gênero, sexualidade, territórios e dinâmica social e econômica que os atravessam.

Por este motivo, nos desafiamos a encontrar o inédito viável nas práticas cotidianas do trabalho junto aos estudantes e demais membros do Coletivo *ColoreAfro*. Não há como pensar o trabalho educativo descolado da conjuntura e desarticulado das condições sociais e políticas experienciadas pela classe-que-vive-do-trabalho, incluindo nós, trabalhadores assistentes sociais. Todas essas dimensões nos atravessam, nos constituem e refletem no nosso trabalho cotidiano ou deveriam refletir e serem refletidas para a materialização de uma práxis crítica e transformadora.

2 POR QUE SISTEMATIZAR A EXPERIÊNCIA JUNTO AO COLETIVO COLOREAFRO DESENVOLVIDO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA?

Primeiro porque “cada sujeito é portador da história de muitos” (LIMA; MARTINELLI, 2021, p. 26), não a vivenciamos uma experiência isoladamente. Assim a relação entre assistente social, estudantes e comunidade constitui experiência singular e historicamente situada no campo da educação, mas ao mesmo tempo expressa dimensões coletivas.

Não podemos nos esquecer também que os estudantes são agentes no processo educativo e não sujeitos passivos. Então “(...) produtos de natureza subjetiva, como os afetos, os valores, as significações” (BOCK; AGUIAR, 2016, p. 56), ou seja, a dimensão subjetiva dos estudantes precisa constituir parte do processo educativo, pois ela está presente no cotidiano das relações.

A experiência profissional em particular impulsionou o desejo de promover a publicização como etapa da sistematização do trabalho junto ao Coletivo ColoreAfro, sem cair numa leitura ingênua nem sobre o trabalho, nem sobre a educação. Pois reconhecemos que esta última constitui uma mediação para a reprodução social e que no contexto da sociedade de classes é favorecedora da reprodução dos interesses das classes dominantes, o que afeta a estruturação totalizadora de uma educação para emancipação humana, restringindo as possibilidades às atividades educativas emancipadoras (TONET, 2012), dados os limites da nossa sociabilidade capitalista.

O compromisso com a educação e o trabalho se dá então no sentido de promover atividades educativas com esse caráter emancipador, que desvendem os mecanismos do capitalismo, suas contradições, seus rebatimentos concretos na vida dos estudantes, familiares e comunidade, em especial, nas dimensões de classe, gênero e raça que marcam profundamente suas experiências pessoais e coletivas.

Considerando que tomamos a categoria experiência como referência, é importante frisar que Frigoto (2018) com base em Thompson destaca que há imperfeições em relação ao uso da categoria experiência, mas que ela é indispensável para nós que nos propomos a realizar uma análise materialista histórica, uma vez que a experiência constitui uma dimensão da materialidade da vida, porém seu uso deve ocorrer com todo o rigor que o método requer.

Como apontado, a experiência é parte integrante do concreto pensado, cuja dimensão individual é intrínseca a dimensão coletiva, ao mesmo tempo que a constitui e que se expressa

materializada no cotidiano repleto de contradições. Tiriba (2018) reforça que toda experiência individual é experiência coletiva; que na busca para se resistir às sucessivas crises do capital, as experiências vividas se expressam como experiências de classe.

A experiência permite que nos conectemos às nuances da materialidade da vida num dado espaço/tempo, sob determinações sociais específicas. Sistematizar experiências não é então propor receitas, mas é se expor a análise criteriosa, é produzir conhecimentos coletivamente e partilhá-los, num fluxo crítico, autocrítico e sobretudo generoso de trocas e saberes. Assim, a sistematização desta categoria foi realizada com base na observação participante, nos registros do diário profissional sobre as atividades realizadas e nas publicações abertas do Coletivo nas redes sociais.

3 COLOREAFRO: POR UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL E O CARÁTER POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Era 2014, o IFSP³ como uma instituição educacional deveria no plano institucional primar pela valorização da diversidade, da história e cultura afro-brasileira e indígena⁴. Porém, as vésperas da celebração do Dia da Consciência Negra (20/11), em referência a data de morte Zumbi dos Palmares, não havia nenhuma ação sistemática programada pelo Campus. Buscamos então a articulação com estudantes que integravam um projeto de pesquisa sobre a questão racial e junto com a Coordenadoria Sociopedagógica elaboramos a primeira semana comemorativa em relação a data.

Conjuntamente programamos, em especial, uma atividade que consistia nos estudantes vestidos como personalidades do movimento negro circular pelo Campus contando as histórias dessas personalidades – Martin Luther King, Rosa Parks, Petronília, Cartola, entre outros - como se estes fossem intercambistas, bem como incluindo apresentações culturais e intervenções políticas.

O Coletivo foi percebendo o quanto o trato para as Relações Étnico-raciais (RER) eram

³ O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP é uma instituição que existe há mais de 100 anos. Enquanto era CEFET contava com 10 unidades, em 2008, após a sua transformação em IFSP, passou por um grande processo de expansão até o ano de 2016 e atualmente conta com 37 campus. Trata-se de uma instituição diferenciada tanto no que se refere aos tipos de cursos ofertados, seja nos níveis de ensino, quanto no público heterogêneo que recebe (incluindo os ingressantes por lei de reserva de vagas), uma vez que oferta desde cursos de formação inicial até pós-graduação, num processo de verticalização do ensino.

⁴ Ver lei nº 9.394/96, lei nº 10.639/03 e lei 11.645/08.

fundamentais e montou então uma peça chamada “Faríamos tudo outra vez se preciso fosse!”, que apresentava essas personalidades, somada a intervenção com dados da desigualdade racial, os racismos cotidianos e a valorização cultural por meio da encenação do poema “Gritaram-me Negra!”, além das músicas da senzala. A peça que foi aprovada para apresentação no Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, em Recife, em 2015.

O marco dessa atividade foi a crítica e a sensibilização para a desconstrução do racismo na produção da identidade negra, pessoal e coletiva, impactando na própria experiência dos integrantes e do público da peça. Vimos que com o trabalho de reflexão, pesquisa e valorização das culturas de base africana e afro-brasileira muitos foram mudando a maneira como se viam e se expressavam no mundo: mudanças de comportamento, de visual e de linguagem; vários passaram por transição capilar, outros sentiram segurança em partilhar experiências de sua fé e religião, cujas raízes são africanas e compreendendo a relação entre classe social, gênero e racismo.

O Coletivo buscou outras referências culturais e científicas, bem como se converteram num grupo de referência para os demais estudantes, para a comunidade do IFSP e de acolhida no combate ao racismo. As subjetividades foram afetadas de maneira visualmente perceptível. Jovens que caminhavam pelos corredores de cabeça baixa e cabelos cobrindo seus rostos, tornaram-se lideranças estudantis e passaram a se posicionar e questionar padrões e figuras institucionais enrijecidas que antes eram temidas e quase imutáveis. Trata-se de um aspecto importante, pois a permanência dos estudantes na vida acadêmica perpassa tanto as condições materiais de subsistência quanto aspectos subjetivos que remetem ao pertencimento social.

Ao longo de sua história o ColoreAfro contou com a participação de estudantes com idades entre 15 e 62 anos. A luta pela valorização das culturas de bases africanas e combate ao racismo marca a história do Coletivo e do Campus. Ao longo dos anos tivemos momentos institucionais distintos, de desconhecimento interno do ColoreAfro, negação e até ostracismo. Mas medida que fomos amadurecendo a militância e fortalecendo as ações educativas, fomos nos convertendo em referência para o combate aos episódios de discriminação racial dentro do Campus. Sempre tentando reconhecer o limite da referência e da transferência de responsabilidades que são institucionais, estruturais para os membros do Coletivo, majoritariamente estudantes.

Incluímos no trabalho educativo o desvendamento dos mecanismos de desvalorização dos debates raciais, das opressões e explorações e conseguimos ainda aprovação de projetos

com bolsas para integrantes nos editais da reitoria e em seguida nos editais semestrais do Campus.

Essa experiência dentro do Coletivo ColoreAfro foi pautada na intenção de produzir um trabalho profissional o mais horizontal possível com os estudantes, partindo dos próprios saberes e vivências destes últimos para construir as atividades do Coletivo e na busca por tensionar pela oferta de uma educação que vislumbre a emancipação dos sujeitos históricos. Pautada num princípio educativo no qual “são consideradas as condições históricas na construção de um processo que pode contribuir para subverter a maneira de pensar e de agir, isto é, que pode subverter a ordem intelectual e moral estabelecida no capitalismo.” (LIMA, 2006, p. 132)

Temos claro que os Institutos Federais-IF, assim como as demais instituições educacionais na sociedade capitalista, guardam contradições no que se refere ao campo ideológico, mas enquanto Coletivo, defendemos uma educação que possa “possibilitar as pessoas das classes subalternas captarem de forma mais objetiva a própria realidade social contraditória da qual fazem parte”. (PARO, 2002, p.108 apud MENDES, 2013, p.27)

Sem dúvida um desafio que não pode ser superado apenas em um campo de expressão das relações societárias, mas no conjunto de suas totalidades, na qual a educação é campo fundamental, mas não único.

Os projetos em disputa foram evidenciados por Dantas (2021, p. 149) que destaca a dualidade da educação, incluindo a educação profissional e tecnológica – ETP, que remete de um lado à “proposta de uma formação omnilateral, versus uma formação para o mercado de trabalho, segundo a qual valores como competitividade e individualismo se expressam principalmente pela marca da meritocracia, buscando formar para a competitividade.”.

O tensionamento entre estes projetos e suas expressões é cotidiano no espaço educacional, o que requer uma vigilância contínua sobre os aspectos alienadores e mecanicistas no processamento do nosso trabalho como educadores. E por vezes, são os próprios estudantes a partir de seus conhecimentos que irão nos mobilizar para o desvendamento desses aspectos, sejam institucionais ou marcados em nossa subjetividade, fruto da sociabilidade capitalista.

A disputa se dá tanto no campo material, quanto no campo simbólico da relevância da temática racial, no tensionamento das relações de poder institucional para uso dos espaços de planejamento acadêmico e decisórios da instituição, ou mesmo no conflito entre reconhecimento da experiência social educativa do Coletivo versus restrições por desempenho

acadêmico de integrantes.

Nesse último caso, enfrentamos debates com um professor que defende a falácia da meritocracia, em episódios em que argumentava que os participantes do Coletivo com notas medianas na área técnica de conhecimento dos seus cursos não deveriam sair para apresentar o Coletivo em congressos científicos ou mesmo em ações na comunidade, pois deveriam estar focados em melhorar suas notas.

É interessante esse episódio, mas não surpreendente, pois o racismo internalizado se expressa de maneiras aparentemente sutis. Quantas vezes vocês imaginam que esse professor foi interpelar uma outra professora de letras, por exemplo, para questionar a participação de algum/a estudante que está sob sua orientação em uma atividade externa porque o/a mesmo/a não tinha uma média alta em algoritmo? Por que o trabalho educativo de uma assistente social contribuindo no combate ao racismo e buscando a valorização das culturas de base africana pode ser atravessado e os participantes questionados? O que ele compreende por educação para crer que a participação em atividades como as realizadas pelo ColoreAfro tem um caráter menor, de valor social reduzido?

São as marcas da tríade classe, raça e gênero no capitalismo atual. É mais uma prova de que não se trata apenas de um projeto educativo, mas um coletivo educador de caráter emancipador que disputa no interior da instituição educacional um projeto societário diferenciado e a materialização do nosso caráter político-pedagógico na disputa do poder institucional.

A experiência de trabalho com o ColoreAfro favoreceu a reflexão de que o trabalho operado não pode se configurar numa atuação bancária e pré-determinada pela assistente social que o referencia, prática que, por uma série de determinações, acabou por dar esse sentido ao trabalho profissional nesse contexto, a partir de uma pedagogia muito alinhada a visão freiriana.

(...) Nuestra pedagogia no puede prescindir de una concepción del hombre y del mundo. Formula una concepción científica humanista que encuentra su expresión en una praxis dialógica, en la que educadores y educandos en conjunto, a través del análisis de una realidade deshumanizadora, la denuncian al tempo que anuncian su transformación en nombre de la liberación del hombre. (FREIRE, 1990, p.77-78)

Por isso, pensar as ações no cotidiano do trabalho, construída juntamente com os estudantes é reconhecer que às ações socioeducativas podem

Contribuir para o fortalecimento de processos emancipatórios, nos quais há a formação de uma consciência crítica dos sujeitos frente à apreensão e a vivência da realidade, sendo ela, também facilitadora de processos democráticos, garantidores de Direitos e **de relações horizontais entre profissionais e usuários**, ao mesmo tempo que projeta a sua emancipação e a transformação social. (LIMA, 2006, p. 137, grifo nosso)

O reconhecimento desse apreender com o outro numa troca constante deve integrar o cotidiano profissional, compreendendo que o caráter educativo da nossa atuação profissional não se dá apenas na vida de estudantes, mas que no processamento do trabalho do assistente social esse caráter educativo da profissão oportuniza uma relação dialética, na qual o profissional também pode *aprender com* e pode sair transformado dessa relação, tanto pessoal como profissionalmente.

O Coletivo ColoreAfro é um dos inúmeros exemplos em que construirmos a abertura de espaços para o exercício da autonomia estudantil promove a disseminação do conhecimento e a humanização do saber, incluindo o saber profissional. Cabe destacar que o trabalho com o coletivo se desenvolvia por meio da arte como mediação (SANTOS, 2015), como suspensão do cotidiano, e que essa escolha metodológica ecoa até os dias atuais, com o Coletivo em atividade e se constituindo uma referência para além dos muros da escola. Obviamente que essas possibilidades devem ser construídas no campo da resistência e embasadas em referenciais teóricos críticos ou podem se converterem ou serem cooptados para uma reprodução acrítica das relações sociais.

Há uma experiência não incluída no quadro e que merece ser analisada por guardar profunda correlação com o caráter político-pedagógico aqui abordado. Nas eleições para presidente da república no Brasil, em 2018, o ex-presidente Luiz Inacio Lula da Silva e então candidato foi retirado do pleito e levado ao cárcere por meio um processo jurídico fraudulento perpetrado pelo então juiz Sérgio Moro, que viria a ser ministro no governo de Jair Bolsonaro, opositor de Lula que foi beneficiado no pleito com sua prisão.

A eleição foi um bom exemplo de como se operou a ascensão da extrema direita e de seus valores (racista, machista, homofóbico), personificado na figura de Bolsonaro, que usou de uma série de mentiras e ataques ao seu opositor Fernando Haddad, que substituiu Lula na disputa eleitoral. Os ataques homofóbicos, misóginos e racistas que Bolsonaro ostentava em seu discurso nas entrevistas e programa eleitoral, tomaram as ruas, as casas e as relações familiares e se desdobraram em atos de discriminação e violência contra as minorias do país.

Quando ao final do primeiro turno eleitoral, nos deparamos com a vitória do candidato Jair Bolsonaro, hostilizações tanto nos lares de alguns integrantes quanto em grupos de whatsapp de estudantes se mostraram mais ostensivas.

O coletivo agrega jovens negros, homossexuais e tantas outras diversidades como espaço de integração e acolhida. E nesse momento, impactados e ameaçados, o Coletivo percebeu que precisava marcar posição no sentido de garantir a proteção social no ambiente escolar, uma vez que até a realização do segundo turno eleitoral a hostilidade iria aumentar e não poderíamos aceitar que conquistasse espaço no IF.

O ColoreAfro junto com o Núcleo de Diversidade Sexual e de Gênero Diversitas, elaborou uma intervenção artística que não demandasse a exposição pessoal dos integrantes. A atividade foi pensada para trazer elementos principais: deveria ser acessada ou se acercar de todo o público circulante do Campus, deveria trazer um toque que pessoalizasse as agressões e ameaças que se ouviam mais intensamente nos últimos dias, deveria gerar uma identificação com o discurso violento dos representantes políticos da extrema direita, incorporar dados reais da violência contra negros e diversidades sexual e de gênero e ainda deveria promover um espaço de acolhida para estudantes ou servidores que se sentissem ameaçados por esses discursos. Enfim, um objetivo central era disputar o espaço político da escola e tensionar para a defesa da diversidade e proteção dos grupos oprimidos que estavam sob ataque.

Assim, uma exposição foi montada nos corredores de acesso à Instituição, por onde todos passam. Com papel pardo e barbantes, um cartaz escrito à mão apresentava o relato de uma pessoa não identificada com os seguintes dizeres: **“Oi, sou a pessoa que se senta ao seu lado no IF. Me sinto triste porque estou vendo crescer a hostilidade contra minha cor, contra quem eu sou... Começaram dizendo que era brincadeira e agora sentem que tem o direito de me agredir. Se não acredita, veja por você mesmo o que tem dito sobre mim e para mim. E lembre-se, do silêncio dos bons podem surgir as maiores injustiças!”**

A seguir as pessoas podiam ler frases racistas e homofóbicas ditas do dia a dia, em especial as frases proferidas pelo então candidato à presidência Jair Bolsonaro, porém sem atribuímos a autoria. Eram frases como: **“Meu filho não corre risco de namorar negras porque foram bem-educados!”**; **“Prefiro filho morto a filho homossexual!”**; **“Negro não serve nem pra procriar!”**. Estas três frases que foram ditas por Bolsonaro em algum momento de sua carreira política foram escritas no cartaz à mão para personalizar a comunicação.

Na sequência da exposição as pessoas eram levadas a refletir sobre a materialidade

desse discursos, fazendo uma interconexão com chamadas de jornal que noticiavam fatos e dados reais da realidade brasileira como alto índice de homicídio de transexuais no país, alta taxa de morte de jovens negros pela polícia, a maior concentração carcerária da população carcerária composta de homens negros, desigualdades de renda no mundo do trabalho em relação às mulheres e pessoas negras, agressão à população LGBTQIA+ nas ruas.

Para fechar a exposição, um cartaz que dizia “Mas somos resistência!”. Dizia que não estávamos sós e convidam interessados a buscar apoio em ambos os grupos; assim como propunha que cada pessoa retirasse para si um “fio de cabelo” da arte do ColoreAfro⁵ no qual havia frases de apoio e incentivo ditas por membros do Movimento Negro e LGBTQIA+ como: “Você não é amado porque você é bom. Você é bom porque você é amado!”, de Nelson Mandela.

A repercussão teve bons resultados, mas também guardou elementos singulares que marcaram uma vez mais a disputa de projetos. Dois servidores em momentos distintos foram até a direção geral da instituição indagar se ela tinha conhecimento da ação educativa. Um incomodado, mas sem recurso para externalizar sua oposição apenas pode questionar em nível de autoridade de poder de permitir uma expressão política ou não. Ao que a gestão apresentou favorável a exposição naquele momento, ou seja, um campo político favorável ao Coletivo na correlação de forças institucionais.

O outro servidor foi à gestão supostamente preocupado com a segurança dos presentes dado a dificuldade de circulação das pessoas em caso de ocorrência de um incêndio. Um argumento risível dado a fragilidade do material usado na exposição, que sério o primeiro a se desfazer num incêndio. Tampouco houve esse questionamento em outras atividades. Sem sucesso argumentou então sobre a barreira que a exposição poderia gerar a algum cadeirante (mesmo havendo espaço para circulação).

Isso nos mostra que diante da impossibilidade de externalizar a defesa de valores extremistas, o que poderia até chamar de desvalores, os conservadores com suas notas de racismo, homofobia e machismo recorrem a expedientes menos explícitos de ataque. Sem sucesso em sua empreitada, temporariamente se recolhem aos porões conservadores de onde saírem, sem sequer abrirem-se ao diálogo com os principais interessados que são aqueles que vivenciam na pele as opressões cotidianas.

⁵ O logo do ColoreAfro é uma mulher negra em formato de árvore, cujos pés são as raízes ancestrais e os cabelos são a copa da árvore, por isso a ideia de levar um ‘fio de cabelo’ da árvore com uma frase escrita

Aí está a função fundamental do caráter político-pedagógico! Tencionar por espaços de poder e representação se valendo da construção de um trabalho socioeducativo construído por meio de metodologias estratégicas, que sejam inteligentes e efetivas na luta por uma existência onde a emancipação humana seja o sul do nosso horizonte.

Isto posto, o trabalho com o Coletivo está associado ao reconhecimento tácito de que o trabalho do assistente social apresenta uma “dimensão eminentemente política, colocando em questão o significado e a direção social” (YAZBEK, 2009, p. 134-135) da profissão e no entendimento que “toda educação tem uma função política” (ALMEIDA, 2007, p. 03).

Essa intervenção deve ser fundamentada na perspectiva da interdisciplinaridade, articulando o saber, a vivência, a escola e a comunidade, com objetivo de interação que se traduz na prática por um trabalho coletivo/interdisciplinar. Nesse processo, a análise crítica dos fatos cotidianos deve ocorrer vinculada a uma análise de conjuntura, reconhecendo a singularidade, particularidade e universalidade das situações enfrentadas (...). (MARTINS, 2012).

Em suma, é relevante considerar que o trabalho do assistente social possui determinadas particularidades no âmbito do trabalho educativo na educação profissional e tecnológica em razão de sua função socioinstitucional, na objetivação das estratégias de permanência decorrentes de um processo de expansão do acesso não-universal nesse nível da política de educação no Brasil e aprofundar que essas particularidades contribuem no exercício da autonomia dos estudantes, num “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos(...)” (FREIRE, 2010, p. 41).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio enquanto parte da pesquisa de doutorado, buscou particularizar e evidenciar que a educação constitui um espaço de disputa de projetos distintos de sociabilidade e que os determinantes estruturais do capitalismo estão vívidos na experiência do trabalho educativo junto ao Coletivo ColoreAfro no IFSP. Ao mesmo tempo em que esse se materializa como uma força relevante na constituição de ações emancipatórias, disputa dentro da lógica do poder institucional e tenta romper com a lógica da prática tradicional que favorece a lógica capitalista, construindo novos processamentos e contribuindo com o horizonte da transformação.

No processo educativo, precisamos considerar que o próprio estudante pode ser o agente mobilizador e formador, traduzindo um significativo campo para promover as estratégias “educativas emancipatórias” (ABREU; CARDOSO, 2009) características do trabalho

social, que articuladas com a autonomia discente e os espaços em que estes constroem suas representações podem ser geradores de conteúdos, estratégias e ações de sensibilização coletiva, desconstrução de estereótipos e gerar compreensão de classe.

Os espaços coletivos como os núcleos e os coletivos temáticos têm se mostrado espaços privilegiados para mobilização e potencialização das capacidades e habilidades dos estudantes na construção do pertencimento, combate aos preconceitos e na sensibilização e tensionamento institucional.

Precisamos intensificar a prática educativa como potência no processamento do trabalho de assistentes sociais e outros educadores, uma vez que para uma nova sociabilidade ser constituída é preciso primeiramente compreender a complexidade da conjuntura atual e não apenas se limitar a operacionalizar serviços e programas; será preciso criar, suspender o cotidiano e vivenciar o trabalho criador.

Assim, apesar da conjuntura atual não ser muito animadora, nossas esperanças prevalecem e se materializam nesse ensaio como uma possibilidade de resistir, de criar, de mediar, de gerar um trabalho criador tão necessário para o assistente social e para os/as estudantes com quem interagimos no processamento do trabalho.

Elaborar o ensaio foi suspender o cotidiano, tomar distância para ver melhor e ao nos aproximarmos dele novamente, esperamos voltar transformados, críticos do nosso próprio trabalho e capazes de perceber que muitas das vezes nosso trabalho se constituirá no fato de aprender com o estudante, reconhecê-lo como referência e consolidar espaços para potencializar sua autonomia.

Recorrentemente Freire destacava a importância de produzir espaços educativos essencialmente distintos dessa estrutura bancária e engessada, que nega o saber do educando e seu potencial educador, pois “Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe” (FREIRE, 2011, p.39). Uma máxima que não cabe apenas ao trabalho na educação.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.M.; CARDOSO, F.G. **Mobilização social e práticas educativas**. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

AGUIAR, W. M. J. de.; BOCK, A.M.B. (ORGS.) **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016.

ALMEIDA, N. L. T. **O Serviço Social na Educação: novas perspectivas sócio-ocupacionais**. 2007. Disponível em: <http://necad.paginas.ufsc.br/files/2012/07/O_Servico_Social_na_Educacao_perspectivas_socio_ocupacionais1.pdf> Acesso em 15.jun.2021

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

BOCK, A.M.B.; AGUIAR, W. M. J. de. **A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação**. In:

DANTAS, M. C. B. **O trabalho de assistentes sociais na Educação Profissional e Tecnológica: desvelando seu processamento no Instituto Federal de São Paulo (IFSP)**. Tese de doutoramento apresentada à PUC-SP, 2021.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 2011. 51 ed. V.22

FREIRE, P. **La Naturaliza Política de la Educación: cultura, poder y Liberación**. Madrid: Ediciones Paidós Ibérica. Centro de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia. 1990, 1.ed

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FRIGOTO, G. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

LIMA, N. C.; MARTINELLI, M. L. **Experiência social como categoria de pesquisa no serviço social**. In: MARTINELLI, M. L. et al (orgs). Cotidiano, cultura e sociabilidade: pesquisa em serviço social. São Paulo: EDUC, 2021. 156 p.

LIMA, T. C. S. **As ações sócio-educativas e o projeto ético-político do Serviço Social: tendências da produção bibliográfica**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Florianópolis: UFSC/CSE/PGSS, 2006.

MARTINS, E. B. C. **Educação e Serviço Social: Elo para a construção da cidadania**. São Paulo: UNESP, 2012.

MENDES, V. R. **Reflexão sobre os conceitos de homem, liberdade e Estado em Marx e as políticas educacionais**. In PARO, Vitor Henrique (org). A teoria do valor em Marx e a educação. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, V. N. **Arte Como Possibilidade De Mediação No Serviço Social**. PIDCC, Aracaju, Ano IV, Volume 09 nº 02, p.125 a 150 Jun/2015

TIRIBA, L.; MAGALHÃES, L. D. **Experiência**: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

TONET, I. **Atividades Educativas Emancipadoras**. Maceió, 2013.

TONET, I. **Educação Contra O Capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.– 2. ed. rev.

YAZBEK, M.C. **O Significado sócio-histórico da profissão**. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009